

NATUREZA E SEMÂNTICA

por *Rodolfo Petrônio* – Instituto *Aquinate* e Unirio

Em seu estudo seminal sobre o ente finito e o Ser Eterno¹, Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein) sugere-nos que a natureza das coisas pode ser tratada como *fundamento* ou *portadora*. O fundamento diz respeito à estruturação própria dos entes, em sua relação com a matéria. Por outro lado, a portadora diz respeito à estruturação ou armação própria da natureza, que se constitui como autônoma em sua relação com o ser. Vejamos como se pode compreender a proposta de Stein.



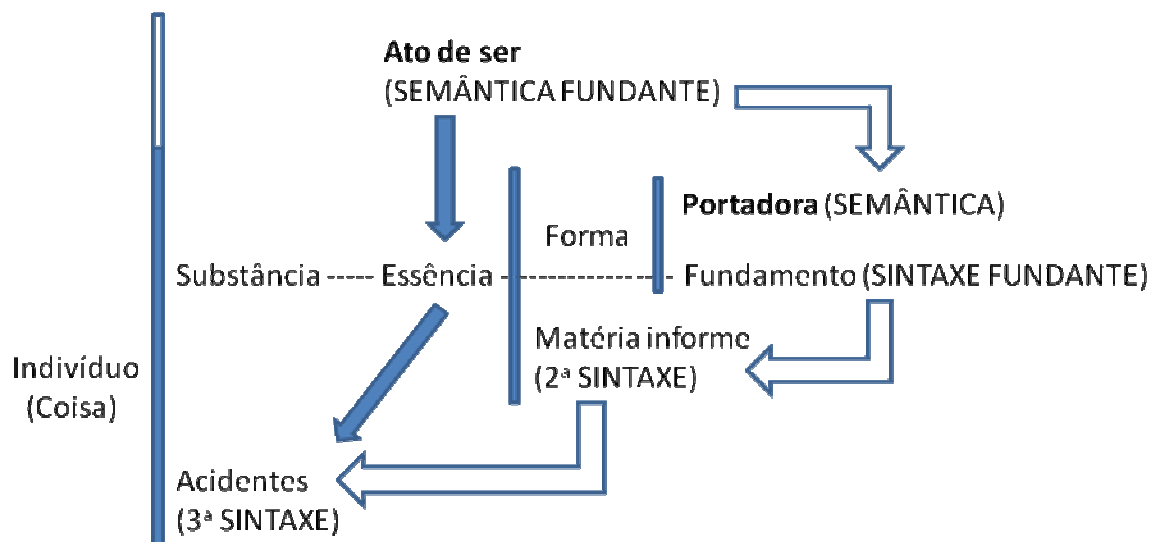
Ora, a partir desta sugestão inicial de nossa filósofa, e tomando a natureza como fundamento, pode-se propor, por conseguinte, que as estruturas constitutivas (o fundamento) que a põem em relação com a matéria apresentam um caráter mais sintático, ou seja, dispõem a matéria e a distendem espaço-temporalmente em configurações espaciais e ritmos temporais. Neste caso, sua relação com a matéria permite-nos identificar quer empírica quer experimentalmente os aspectos mensuráveis dos entes naturais, uma vez que esta mesma relação é a responsável pelo transbordamento do ser intensivo por meio da estruturação espaço-temporal, no caso dos entes puramente materiais, que são aqueles com os quais, neste curto texto, estaremos interessados especialmente. A sintaxe provê a armação e a distribuição das partes segundo um *design* específico, aplicável na específica relação do fundamento com a matéria. A sintaxe permite a expressão do ser nas estruturas espaço-temporais nas quais ele transborda, fornecendo-nos, por fim, a casca externa do ente, à qual chamamos de existência.

Por outro lado, a portadora permite a armação significativa da natureza, receptora ela mesma do ato intensivo de ser, que se desvela no significado que expressa, ora de modo manifesto, ora veladamente. Este véu persiste a despeito de toda inquirição, quer metafísica quer experimental, conquanto haja uma espécie de inesgotabilidade ontológica dos entes², na medida em que expressam externamente,

¹ STEIN, E. Finite and Eternal Being, in: *The Collected Works of Edith Stein*, IX. Washington: ICS Publications, 2002, pp. 203-244.

² A este respeito, Maritain expõe uma viva digressão sobre a diferença entre mistério e problema, na qual nos diz que “o mistério é uma plenitude ontológica à qual a inteligência se une vitalmente e onde mergulha sem esgotá-la (se a esgotasse seria Deus, *ipsum Esse subsistens*, e o próprio autor do ser)”, cf. MARITAIN, J. *Sete lições sobre o ser*, São Paulo: Loyola, 1996, pp. 14-17. É justamente essa plenitude ontológica que nos é dada pelo ato de ser na portadora. E por isso vale a conhecida fórmula tomista *forma dat esse*, porquanto é justamente a forma enquanto portadora e fonte de significado que comunica o ato de ser ao ente e o torna um existente. Assim, torna-se mais clara compreensão que aquilo que denominamos existência não é um próprio ontológico, digamos assim, mas tão-somente a manifestação espaço-temporal (já que estamos tratando da realidade natural) da relação entre ato de ser e portadora, e entre esta e o fundamento. É por meio dessa torrente do ser, inesgotável em sua plenitude ontológica, que é possível o significado contido na armação portadora tornar-se algo “vivo”, e manifestar-nos sua realidade na trama do espaço-tempo.

por sua existência mesma, o ato de ser, mas não o conseguem exaurir. Ora, é por meio da portadora que o ser é comunicado a cada ente, e à expressão externa provida pela armação *fundamento* corresponde como fonte de significação a armação *portadora*. A portadora confere o significado, a informação, a inteligência ao ente, e, neste sentido, relaciona-se tanto com o ato de ser que comunica quanto com a armação sintática que predispõe a matéria informe³. Gostaríamos de apresentar em seguida um esquema que facilita a visualização do que propomos, não obstante as limitações e perigos presentes a qualquer imagem sensível, na medida mesma em que pode conduzir-nos ao erro. No entanto, conquanto tenhamos clara consciência de que se trata tão-somente de uma representação e não da realidade ela mesma, podemos expô-la, já tendo alertado o leitor que não se pode tomá-la ao pé da letra, ou como um substituto da abstração metafísica. Também vale ressaltar que o esquema abaixo é uma proposição e está sujeita a alguma revisão posterior, decorrente da continuidade de nossa investigação presente:



Podemos verificar a partir da visualização acima que o ato de ser, que é o ato fundante de todos os atos, também se constitui no significado fundante da forma. Esta, como portadora, estatui o sentido e a inteligência que dirige o ente na consecução de seus objetivos como ente, sendo, portanto, diretora do movimento, pois estabelece a finalidade do ente. Por sua vez, a forma como fundamento estabelece a armação do significado, pré-dispondo a matéria para a realização efetiva de um plano, constituindo, assim, o plano ou design que dirigirá pelo sentido oriundo da portadora a realização plena do significado,

Porquanto, [quando falamos de] *fundamento* ou *substrato* [substância] a qualidade material que permanece constitui o fundamento para a figura [*shape*], tamanho, e peso da coisa [indivíduo]. Do mesmo modo, constitui o

³ Mas não absolutamente informe, como se pode mostrar a partir de vários textos de Santo Tomás. Para tanto, recomendamos a excelente compilação e análise fornecida em FAITANIN, P. *Ontología de la materia en Tomás de Aquino*, Pamplona: Universidad de Navarra, 2001.

fundamento das assim chamadas *qualidades secundárias*⁴, isto é, do que se apresenta e torna manifesta externamente a natureza particular da coisa [...] e chamamos *portadora* o todo auto-sustentado que se relaciona com suas diversas partes [... e] pode também ser aplicada à *forma vazia* do todo auto-sustentado enquanto tal, considerada em sua relação com as formas parciais. Devido ao fato de que o conteúdo⁵ pertence às partes estruturais⁶ (sem as quais o todo não seria), o todo que é preenchido com conteúdo é a *portadora* do conteúdo. A forma do todo é a portadora da “forma do conteúdo”, e não importa o quão estranho pareça, cabe à estrutura formal de uma coisa o ter um conteúdo. Desse modo, a coisa individual é simultaneamente *fundamento* e *portadora*, porém com respeito a seus diferentes aspectos⁷.

⁴ A saber, aos acidentes. A denominação a que se refere Stein é oriunda da distinção que Galileu propôs entre qualidades primárias (figura, extensão ou tamanho, peso, movimento, etc.) e secundárias (cor, textura, sabor, etc.), estas últimas as que emprestam ao mundo, como diria Wolfgang Smith, “colorido, charme e significado ao nosso ambiente terrestre e cósmico” (cf. SMITH, W. *Cosmos & Transcendence: Breaking Through the Barrier of Scientific Belief*, Peru (IL): Sherwood Sugden, 1984, p. 13), constituindo-se nos acidentes próprios das coisas, no linguajar de Aristóteles, e que nos são perceptíveis aos sentidos, sendo, portanto, aquilo que primeiramente nos aparece das coisas elas mesmas.

⁵ Qualquer que seja, mas sendo aquilo que confere significado e, portanto, tem sentido e manifesta inteligência informativa. De fato, a informação é o que confere significado, possuindo, portanto, valoração semântica.

⁶ As quais constituem por sua vez o fundamento ou armação da forma.

⁷ STEIN, E., *loc. cit.*, pp. 210-213.